

# O UNIVERSAL

SUPPLEMENTO ILLUSTRADO

DIRECTOR ARTISTICO

SECRETARIO DO SUPPLEMENTO

JOSE SARMENTO

CELSO HERMIDIO

Lisboa — Segunda-feira, 30 de maio



O Supplemento illustrado agradece do coração, com lagrimas de reconhecimento, ao publico e ao sr. Burnay: Ao publico—por ter corrido a largar o seu vintemzinho; ao sr. Burnay—por ter consentido, embora despeitado, que o publico tenha alguns vintens ainda.

## Comedia da provincia

(Excerpto inedito)

Quando se viu applaudido, aquella hora mansa de crepusculo, em plena praça da villa e na roda dos burocratas seus conterraneos, o Migueis espetou com elles, verboso, eloquente, espetando os nos ultimos argumentos:

— Sim, porque a questão é esta! que denuncio teem vocês lucrado? perguntava elle, ficando no terreno o bengalorio, abrindo n'um gesto brusco a aba do fraque, sobre o peito, como se lhes abrisse, debaixo d'elle, o coração.— Deputados que vocês não conhecem! deputados que vos não conhecem a vocês!

O Freitas da administração observou, submisso, que não era tanto assim.

— Já sei! o Carvalhaes! atalhou o official do governo civil.— O que o despocho a você. Mas todos nós sabemos que o Carvalhaes, bom medico, não passou, como deputado, de um idiota.

Parece que um ramo de ortigas recon, passando, a roda, dos progressistas. Ergueram-se vizes de protesto, foi um alarido na praça:— "Alto lá!",— "Isso agora!",— "Mais idiota é quem lho chama!",— "Isso é mentira!",— "Quem foi que fez a philarmónica?"

Mas como intervissem os regeneradores, emquanto o Migueis, que era teimoso, affirmava não retirar o "idiota", o grupo em fervura foi pouco e pouco serenando, uns por prudencia, alguns por medo— não fosse o Migueis denunciual-os em Bragança, quando, finda a licença, volvesse ao governo civil...

— Se dão licença?... inquiriu elle, com ar targoia, enfiando na cava do colete o polegar calçado em luva clara.

— Segue, ó Migueis! continúa!— disse-lhe do lado o escrivão da camera, o Antunes, que fóra condiscipulo do primeiro official, em Braga, na aula de rhetorica.

— Não sei, palavra d'honra! reatou enfim o Migueis.— Pra que serve um deputado assim? Elle não vos conhece, vocês não o conhecem, nunca se viram mais gordos. Os caminhos, como ha-de elle saber que são de cabras, uns lamações no inverno, no verão a desfazerem-se em pó, se nunca andou por elles? A igreja, abram os olhos para essa vergonha! As fontes! O cemiterio! Isto, esta praça, esta porcaria, tudo isso!— fez vexado o Migueis, atirando um gesto largo sobre todas as coisas circumferentes.

Enlevado, o Antunes roia as unhas, lardeando de submissos apoiados a objurgatoria convincente do companheiro. E interpellando-o directamente, o dedo em riste colado ao seu peito curvo, o Migueis perguntou-lhe, a todos estendendo, n'um olhar, a viva e incisiva pergunta:

— Um deputado assim p'ra que serve?

E rapido, obtemperando:

— P'ra nada! dirás tu; dirão vocês todos. Pois enganem-se. Fiquem vocês sabendo que serve afinal para alguma coisa.

— P'ra guano, talvez! disse do lado o Manuel Obrigado, erguendo, no silencio dos que escutavam, a sua voz aspera de surdo.— O tal sr. Carvalhaes...

Riram. Um, mais perto, gritou-lhe ao ouvido que não se tractava agora do Carvalhaes...

...esse cão! insistiu ainda o Obrigado, lembrando que por causa d'elle perdera, dois annos seguidos, a arrematação das carnes verdes...

— Mas arranjou-se! gritou-lhe agora o Migueis, colando ao ouvido hirsuto do mouco os labios sorridentes.

—Arranjou-se... — repetiu o outro, como mu echo.

— Cirurgião-ajudante. D'aqui a dois dias ha-de o vêr cirurgião-mór... Pois ahí está p'ro que elles servem. Olhe... — e bateu na pança, impertinando-se... barriguinha farta á custa cá dos lançados... Os mais, pode-se dizer que são todos a mesma coisa. Leem todos p'la mesma cartilha.

— Isso... isso... — disse o Obrigado a rir-se... a cartilha...

Mas de novo o Freitas interveio, ponderando com respeito que o sr. Carvalhaes não estava ali p'ra se defender...

— Oh! mas está vossa senhoria! — tornou-lhe grave o Migueis, fazendo-lhe ver, no tom de voz e no tratamento, que d'esta vez era o primeiro official que se dirigia ao secretario da administração...

Na roda fez-se um silencio gelado. Quebrou-o a voz oppressa do escrivão de fazenda, procurando, com a sua auctoridade de burocrata encanecido, amaciar com prudencia o incidente.

— O Freitas é grato... Não lhe fica mal desforrar quem lhe deu o pão, e á mulher, e aos filhos... Tem deculpa.

— Talvez! atalhou, rispido, o primeiro official. — Mas devo observar ao sr. Freitas...

Aqui, o Antunes interveio, propondo mudar de conversa:

— Adeante,

— Perdão! teimou, renitente, o Migueis.— Sem pre desejo contar ao sr. Freitas, que uma vez, em Lisboa...

... ah! já sei, no Martinho... — disse a rir o Antunes.

— ...isso, no Martinho; perguntando a quem ao Carvalhaes por onde era elle deputado, o figurão respondeu...

— Que foi que respondeu esse bruto? quiseram saber, esturrados, alguns dos regeneradores.

E o outro, muito dengoso, franzindo o nariz n'um injoo, imitando o Carvalhaes no coífar da pera, concluiu:

— Que nem sabia... "Por uma pioleira qualquer... nem me lembro onde..."

Foi uma trovoada.— "Ai o pulha!",— "Ai o patife!",— "Ai o grande malandro!", E alguns, com a cabeça perdida, atiraram-se a invectivar pessoalmente o pobre do Freitas, emquanto o Migueis, accesso na colera que via diffusa, arrancava aos repetidos as luvas claras— aguardando, para proseguir, que á luz do fiel Antunes as ondas amansassem...

TRINDADE COELHO.

## Sentado ao borralho

(Dizem os jornaes que o José Dias Ferreira quer empuñar o Oliveira Martins para fóra do ministerio.)

(Com musica do moleiro sentado ao borralho)

Estando o Martins  
Sentado ao borralho,  
Veio o Zé Dias  
E deu-lhe co'um malho.

— Arre, Zé Dias,  
Tem tento commigo,  
Que até nem parece  
Um malho de amigo.

Salta João Franco  
De traz do bortalho,  
Larga Zé Dias  
O raio do malho.

— Arre, Zé Dias,  
Tem tento commigo,  
Que até nem parece  
Um malho de amigo.

Saltam ministros  
Fazendo chinfrins,  
Larga Zé Dias  
O malho e o Martins.

— Arre, Zé Dias,  
Tem tento commigo,  
Que até nem parece  
Um malho de amigo.

Zé Dias já farto  
De tanto trabalho,  
Foi ter com D. Carlos  
E quiz dar-lhe o malho.

— Arre, Zé Dias,  
Seu grande espantalho,  
Trate das bombas  
E fique co' o malho.

ZÉ CEBOLORIO.

## A NOVIÇA

A noviça está deante de um crucifixo negro, na sua cella, onde lhe chega o trillado dos rouxinos e o ritmo claro da agua nas bacias das fontes.

A noviça tem as mãos cruzadas piedosamente, os olhos sobre as chagas do crucificado, mas os seus ouvidos escutam os rouxinos nos castanheiros, e a cantiga do hortelão, que canta entre as hervas claras. Toda esta harmonia de Abril a enternece, e os desejos da sua alma, como pombas trespassadas, voam a procurar o concheo elemento do Itabi hebreu, crucificado n'uma sexta feira.

Lembram-lhe então, confusamente, os seus dias de infancia, quando ella corria livremente nos prados, escutava os queixumes das noras, as cantigas das eiras, os ruidos das arribanas, e de regatos musicaes, que, monotonamente, dizem cousas melancolicas, mas d'uma ternura biblica.

Ora, a noviça affasta estas idéas d'uma ventura passada, e volve a fixar os olhos nas chagas do descontente da Judea: as mãos erguidas como umas palmas.

Ninguem sabe a razão porque ella abandonou o seu palacio de marmore, com escadas cheias de estatuas: a sua camara abafada e quente, cheia de arbustos, de flores e dos trillos dos seus canarios.

Ninguem sabe a razão porque ella abandonou os seus jardins, onde crescem as romanzeiras e os junquillos: e os seus pais, onde, a estas horas, crescem os espinhos das ruinas, e os cardos torcidos do desespero.

E' para todos tambem um fundo mysterio,—mas um bem fundo mysterio,—a razão porque ella se desprendeu dos braços de seu noivo, e n'uma certa manhã d'Abril, correu a enclausurar-se n'aquelle c'astró catholico, barbaro, escuro, do Occidente.

N'isto batem á porta do convento.  
A madre rodeira correu a abrir.

E' o velho Pai, general severo d'uma tristesa rude, que vem, de braços abertos, reclamar a rola fugida do ninho, para a gaiola mystica do Christo, o magro e ascetico deus, o triste esposo de todas as virgens.

E então o despeitado militar, com uma voz meio severa, egoista e triste, murmurou-lhe, confusamente, toda a linguagem das suas penas mudas, todo o rosnar das illusões esfriadas, toda a ladinha das suas misérias de velho retirado e só.

Fallou-se dos tempos da infancia, quando ella cavalgava aos hombros d'elle, debaixo das latadas da horta: e muito loura, corada e palradora, vinha com a bocca lambusada das amoras sylvestres, que crescem pelas silvas dos caminhos.

Recordou-lhe os tempos passados, mas mais proximos, quando ella fazia rir com as suas risadas as proprias estatuas das escadarias e fazia sobresahir por cima dos cantos dos seus canarios, rouxinos, toulíngreas e todas as aves de todas as regiões solares, os seus cantos inimitaves, onde sentia bater as azas da esperanza.

E agora, segundo o velho, tudo era morto e esfriado no seu coração como no seu palacio, onde já se arrastavam os parasitas, e os moveis e os quadros se entresteciam cheios de caruncho e pó.

Mas a monja com as palpebras descidas como concentrando um mysterio, desprendeu-se dos braços do pai apontando para o Christo, e volveu de novo a ajoelhar-se deante das lagens, as mãos erguidas como umas palmas.

Passam-se bastantes horas, depois que o griterio desalentado volveu com os braços enidos ao longo do corpo, por meio das hervas, das paisagens, das madresilvas e as cisternas bocejando ao sol, olhando idiotamente as nuvens.

Elle vai como n'um turbilhão d'um sonho, estupefacto, allucinado; partindo com o seu bordão, cheio de desespero, as papoulas, e as hervas altas.

N'isto batem novamente á portada do convento. A madre rodeira corre a abrir. E' o noivo da monja que reclama o seu coração, que elle diz fugido para sempre; que lhe recorda as juras passadas, nas grandes alamedas cheias de murta, quando florescem os loureiros.

Embalde elle amontoa suspiros e phrases; embalde accumula locuções floridas, despedidas ternas; embalde elle recorda os enternecimentos extinctos.

Embalde, a monja com as palpebras descidas, como concentrando um mysterio, apontando para o Christo, volve de novo a ajoelhar-se nas lagens, na sua vocação inalteravel.

Passam-se bastantes horas depois que o noivo saiu a portada do convento, amaldicoando a vida e o amor, mostrando o punho aos junq' ilhos, lilazes; calcando nos pés as flores azues, que se chamam *não te esqueças de mim*.

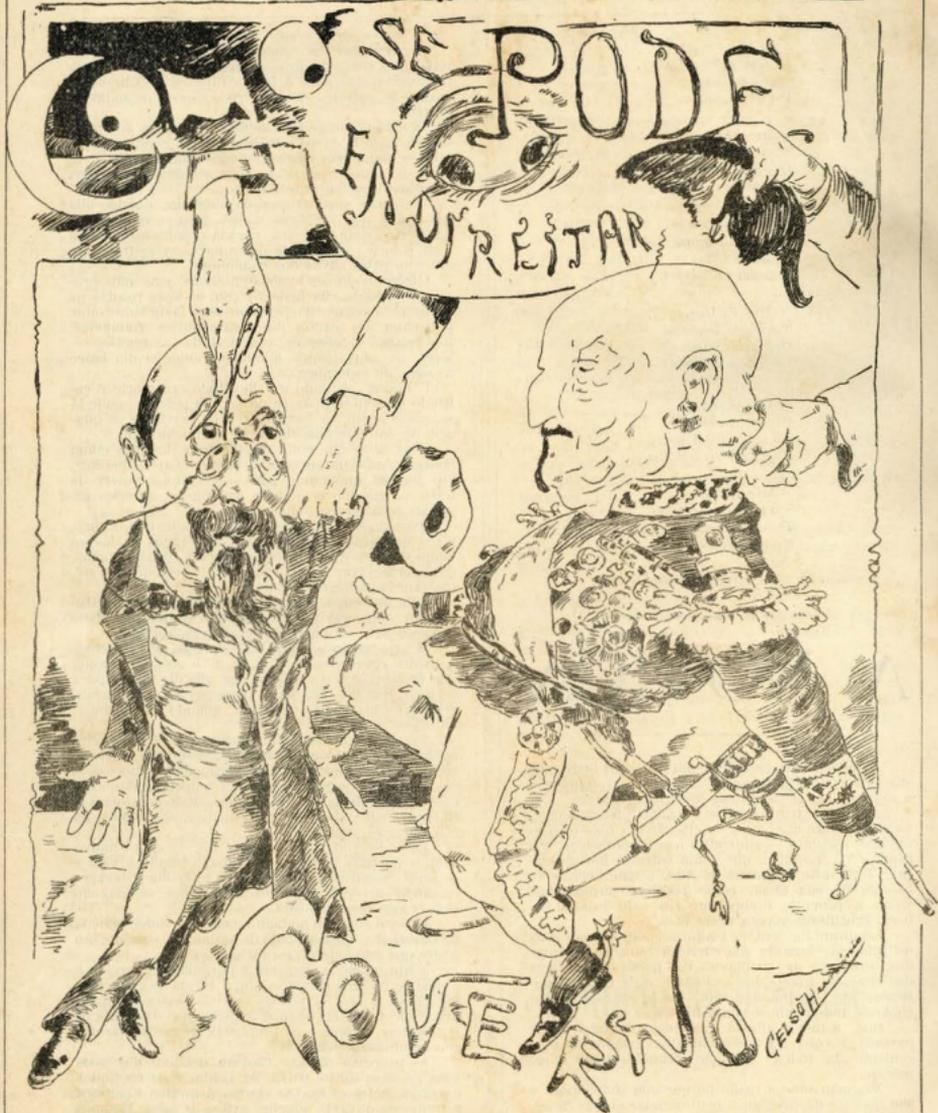
Elle vai com um homem tomado de vinho, bebido de desespero, cambaleando de assombro, — como um padre que endouceceu no meio d'um rito.

N'isto batem novamente á portada do convento e a madre rodeira correu a abrir. D'esta vez é a propria mãe, a face lavada de lagrimas claras, dramatica e inconsoavel, n'um desespero que entenece os santos nos nichos e os prophetas cheios de barbas, sob as abobadas christãs.

As proprias monjas choram debaixo dos seus veus, e o hortelão deixa de cantar e de continuar cavando, entre as hervas claras. A mesma superiora estremeceu ouvindo aquellos gritos de mãe. Algumas noviças deixaram cair os livros de horas, porque aquella voz maternal, recordou-lhes com saudade outras vezes que ellas conheciam muito bem, — quem sabe já extinctas, mudas no cemiterio da aldeia, cobertas de hervas altas: . . .

A mãe desliou, lavando de lagrimas o rosto da noviça, todo o poema da sua orphanidade; contou todo o abandono do seu lar, desde que ella desertára o tecto paterno e os braços abitados dos pais velhos.

Mas, embalde, ella invocava todas as memorias passadas, todos os dias juvenis que não voltam mais, todas as lagrimas e dores com que ella foi dada á luz.

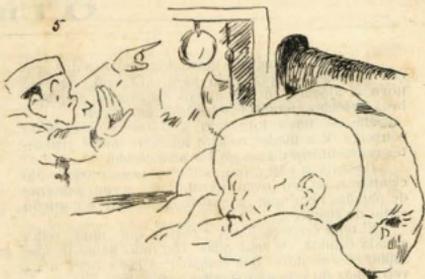


Como se póde endireitar o governo, sabemos nós: endireitando os olhos ao Zé Dias. Senão... pômos-lhe a calva á mostra.

# INCONVENIENTES DAS OS NOVOS UNIFORMES MILITARES CARCAS



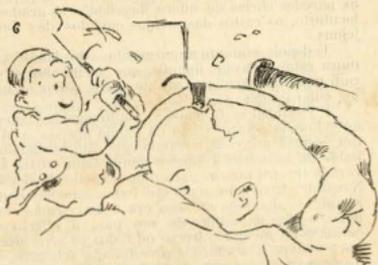
Como tomar fresco é logico  
Em quem tem calor na terra.  
Foi o ministro da guerra  
Té ao Jardim Zoologico.



Cas de cama. O caco cresce.  
Cresce-lhe sempre... coitado!  
Diz o camarado: *Ai... sim!*  
E foi buscar um machado.



Como alli não visse povo.  
Arranca o chinó de truz...  
E adormece... o cranco luz.  
Que parece um cranco novo...  
N'isto surge um avestruz.  
E diz: *O' que rico avo!*



Descarrega-lhe tres golpes.  
Abre o cranco té ao centro.  
E vê surgir um soldado.  
Todo inteirinho, de dentro.



Acocora-se-lhe em cima.  
Põe-se a chocal-o com pressa.  
N'isto accorda o bom ministro.  
E sente dor de cubeça.



Trajava — ó belleza, ó sonho! —  
Um rico uniforme novo!...



Foge o avestruz. E a careca  
Começa a encher, inchada.  
A ponto até de espantar  
O bruto do camarada.



Eis o que tinha a careca.  
Eis o que tinha aquillo ovo.

A moija, insensível e dura, desprende-se dos braços da mãe, e apontando para o Christo, volve de novo a ajoelhar-se nas lagens claudraes, as palpebras desclidas, n'uma resolução irremissível.

Mas de novo tornaram a bater á portada do convento. E a madre rodeira introduz novos visitantes no locutorio da moija tão combalida.

D'esta vez não é um militar rugoso e cheio de cicatrizes, ou um joven desesperado, e com palavras de paixão, nem uma mãe atribulada com o coração cheio de suspiros.

E uma creança loura e rosada que uma velha creanda conduz. Os seus olhos são mais azues do que saphiras e as flores dos campos; as suas faces mais vermelhas do que as papoulas sylvestres.

Ella não diz phrases violentas nem arrastadas de choro: não invectiva nem declama,—nem amaldiçoa nem conjura.

Com os seus olhos muito abertos, ella percorre as paredes cheias de santos flagellados as grades do locutorio, os rostos das monjas cavados dos longos jejuns.

E depois, com um amuo gracioso dos labios, murmura estas palavras infantis, que, n'elle não pareceram uma blasphemia, e até forçam a sorrir as monjas enternecidas: *Como isto é feito!*

E estendeu os bracinhas muito gordos, batendo as palminhas, para o seio da moija apenas a avistou, a qual, aterrada e commovida está escondida ao fundo do locutorio. E' que a moija fugiu, mais apavorada do que nunca, para o pé do peito do deus de Nazareth, tremendo, mais que todos, aquella creança inerte. E' que esta creança era o seu irmão mais novo, o filho da velhice de seu pae, o affecto dos carinhos da moija: o fructo de todos os seus desvelos e mimos! Era ella que o vestia, que o lavava, que o ensinava a ler e lhe penteava os longos cabellos iouros da cor do sol! Todo o seu coração bateu, toda a sua alma estremeceu n'uma ternura infinita ás palavras infantis.

Mas depois que o apertou nos seus braços, que o comeu de beijos, que o lavou com lagrimas, a creança disse-lhe: *Vamo-nos embora!*

—Não, disse-lhe a noviça, com mais tristeza agora do que nunca:—não mais saio d'aqui!

—Mas então, disse a creança com os olhos enormemente abertos, *quem é que me hade pensar, e pôr a meu bibe branco?*

E então a moija chorou longa, infinita, abalada e copiosamente, porque estas palavras mostravam-lhe que o seu futuro estava para sempre irremissivelmente murado e supprimido para os risos infantis e as alegrias do lar!

E o que não havia conseguido as censuras do pae, os suspiros e os enternecimentos do noivo, os soluços da mãe, podéram demover as palavras, meio balbucadas da infancia.

E então se viu, no meio da alegria geral da cidade, uma noviça ainda chorando, conduzida victoriosamente ao lar, pela mão d'uma creança.

O povo aplaudia nas ruas, as vizinhas chegavam ás janellas, e todas as mães acenavam com os lenços.

E' que a creança é o complemento d'essa trinda de humana, que se chama marido, esposa e filho. Sob o peito da virgem mais ingenua bate sempre um coração materno.

E' que a moija, ás palavras do irmão mais novo, sentiu estremecer todas as fibras da sua alma pela creança, e comprehendera que aquelle ciauro escuro e catholico lhe cerraria, para sempre, os risos do lar, lhe arrancaria do peito o coração de futura mãe.

GOMES LEAL.

## PERFIS

Começamos a publicar perfis de typos conhecidos. O primeiro pertence a Carrelhas. O perfil que

em seguida publicamos é feito por um poeta illustre, que não nomearemos.

### CARRELHAS

Francisco é mais grosso,  
Francisco chibante,  
Que o talo de um troço  
De couve gigante.

Francisco é um colosso,  
Na asneira hilariante,  
Mas muito bom moço  
E muito prestante.

Francisco tem geito  
E sabe a preceito  
Tornar-se petisco.

Não temas, ó bella,  
Que á noite só vela  
Francisco! Franciso!

## NOS BASTIDORES

### ROSA DAMASCENO

Rosa Damasceno—já velha e ainda applaudida, é a unica artista portugueza capaz de realizar esse typo difficil, que a sentimentalidade idiota do publico adora e que no desenho não bem traduzem os artistas inglezes em paginas de revistas.

Porque esse typo de ingenua não existe, na sociedade moderna, e mesmo não se encontra na simplicidade da vida rustica. Crearam-no os escriptores e o publico adora-o por sentimentalismo—e por esta necessidade do personagem typico, onde se agrupem qualidades ou vicios—o Odio, o Amor. A *ingenua* é um typo assim, romantico, menina e moça, a rir, ignorando tudo, até a Vida. E muitos predicados são necessarios na actriz que deva fazer estes papeis—ter, por exemplo, uma vozinha fina—que eu não encontro adjectivo que a qualifique—e, absolutamente, ser loura. Viu já alguém uma *ingenua* que não fosse loura?

A burguezia repousa então na *ingenua*, ideal idiota—e, sahida da animalidade e da ambição que não recua diante do crime, a *ingenua* commove-a, como só a commove tudo o que é falso, e lambido.

A unica actriz portugueza que realisa esse typo difficil de *ingenua*—é Rosa Damasceno—e velha, ella suggeere ainda ao publico amores, tentações, preveridas caricias. Porque, eu não sei se já notaram preverso, ou por algum mediocore que julgou obter um fim de moralisação, suggeere á burguezia abominações. E é facil isto, visto que ao vêr a *ingenua* cheia de ignorancias, a sentar-se no collo de toda a gente, a deixar-se acariciar pelos Velhos, este pensamento diabolico é quasi immediato:—devia ser adoravel ensin-a, assistir ao sen espanto, quando se lhe fallasse de Animalidades, ou conserv-a, assim ingenua, no meio de ignomias...

E' esta visão que a conserva, applaudida pela burguezia, e que lhe tornou a vida facil, amada por um principe, que, louro e bonacheiro, devia ter esse ideal de mulher, e que pelo sangue amaria a depravação...

Eu muitas vezes pensei se em verdade a actriz que representa o typo de *ingenua* pôde ser uma mulher d'uma mediocore moralidade—e conclui pela analyse—que eu não posso fazer senão a largas brochadas nas columnas d'um semanario como este—que seria sempre, não diabolica, mas menos—avara, mesquinha, um demónio de preveridade miuda, inteiramente insupportavel. Não quer isto dizer que Rosa Damasceno não constitua como excepção o contrario

de tudo isto. Eu nem a conheço, e sei menos da sua vida que o mais ignorado lisboeta — e estas linhas reffiro-me mais a *Ingenua*, typo que a Igreja deveria de ha muito, pelo seu prestigio e pelo seu poder, ter feito abolir do theatro.

A gente é quasi sempre o contrario d'aquillo que melhor representa: (1) — este principio, se não é absoluto, e no entanto d'uma grande verdade na maior parte dos casos. E estas, mulheres de vosinha fina, este typo inalteravel, que se conserva assim com o olhar cheio de ideal, como se estivesse a pensar na toalha que anda a bordar para a Virgem — deve realmente debater uma questáo de finura, com a sagacidade que lhes é propria...

Porque Rosa Damasceno se nem tem o genio de Lucinda Simões, nem é uma grande actriz, é querida do publico como nenhuma? E' como disse a influencia da *ingenua*, typo que ella realisa com superioridade — mas unico; typo absolutamente artificial que a mim me infurace e aguçta os nervos — irritante, sem humanidade, sem simplicidade... E vejiam-na por exemplo, na *Opheleia*, a mulher de Shakspeare mais suggestiva, d'uma idealidade que vibra as fibras mais reconditas da alma — que figurinha despreziva, abonecada, Rosa Damasceno não é. E n'essa scena, em que ella tira as flores do regaco, as distribue e canta — não lhes dá a impressáo d'uma *mariquette*, vestida de branco, lourinha, a dizer com a sua voz que tão bem serve á banalidade, — sem nada de bello, de mysterioso quasi?..

Não podemos, como queriamos, dar esta semana o artigo sobre Valle e sobre a comedia moderna, pois que nos foi impossivel obter a tempo um retrato do grande actor comico. Para a semana será.

(1) Kergman — Psychologie.

GIL BLAS.

## AS ARTISTAS NOVAS

### NOÉMIA GAUTHIER

Principiantes com talento — é das que quero fallar.

Quando eu, ha dias, estive no Gymnasio, e vi representar as *Noivas do Eneás*, logo Noémia, n'um papel de pequenissima importancia, se destacou, para mim. Eu lembrava-me de a ter visto em comedias curtas, no *Sonho dourado*, nos *Quartos para bahistas* e, na noite da sua estreia, em um papel de substituição na *Em boa hora o diga*. E sempre, eu disse que Noémia havia de nos dar do seu talento, para mais tarde, uma prova segura. Não o tem querido — ou podido — a empreza do Gymnasio. Talvez faça mal. Eu não entro em segredos de bastidores, porque, se o quizesse fazer, muito teria que contar. Deixo isso ao cuidado e á bistbilhoite de outros.

Noémia tem a sua carreira traçada. A *ingenua*, typo que ella realisa com uma prodigiosa qualidade de interpretação, tem, no nosso meio theatral, muito poucas actrizes que o assimilem perfeitamente — porque umas são, ou prevetidas d'alma e não comprehendem quanto ha de bello na singeleza de um coração, ou porque, como diz ahí para cima o *Gil Blas*, não tem a *vozinha fina*, graciosa, de um suave encanto e de uma doçura ineffavel.

Em Noémia, nenhuma das hypotheseas se dá. Ella é simples na sua vida intima, e não de um recato apparente, como eu conheço muitas. O seu ar melancolico, desprendido, a sua vida a sós consigo mesma, passa-a n'uma meditação constante; não é vaidosa, nem de intrigas, o que a faz ser conside-

rada por muita gente como uma soberba — e nada d'isso é. Fallando, ella põe na voz uma tal expressão de magua, que a gente pensa inadvertidamente n'um grande choro de virgem que tenha perdido a sua mocidade n'uma cela de convento, a carne rasgada pelos cilicios. Ninguém dirá, ao vê-la cá de fóra, na apparencia alegre que estas coisas têm vistas da plateia, que Noémia é de um feiço como nenhuma outra. E no entanto, quanto melhor, quanto mais nobre não é a sua alma — não rastejando nunca pela lama da ignominia, vivendo d'uma quasi separação de tudo o que se chama a promiscuidade de bastidores, sem se importar que este ou aquelle murmure, olhando do cima da sua grande modestia, com uma profunda piedade, para essa vida ficticia, para esse flagrante desleixo de maneiras e de sentimentos que, nos *cómicos*, é a nota predominante.

Eu conto isto, porque me parece um symptoma bem característico. Com estas raras qualidades para *ingenua*, possuindo um finissimo talento de percepção, guiada, aproveitada por quem saiba dirigir-la, Noémia poderá um dia dizer que o seu talento não caiu em mãos de barbaros. O nosso publico ainda a hade applaudir com enthusiasmo, tenho a certeza d'isso.

No proximo numero do supplemento fallarei de uma actriz da Trindade que, pelo merecimento que tem revelado ultimamente, merece ser collocada a par das artistas de talento.

GIL VAZ.

## O UNIVERSAL

### SUPPLEMENTO ILLUSTRADO

Agradecemos penhoradissimos aos nossos assignantes e ao publico o magnifico acolhimento que nos fizeram.

O *Supplemento Illustrado* do *UNIVERSAL*, collaborado pelos escriptores mais eminentes do paiz, custa apenas

**200 rs. por trimestre**

para os assignantes do *UNIVERSAL* e

**240 rs. por trimestre**

para os assignantes unicamente do *SUPPLEMENTO*. O *Supplemento Illustrado* custa, sendo tão bom como os melhores jornaes de caricaturas do paiz, apenas

**20 RÉIS**

isto é, apenas a terça parte de qualquer d'estes jornaes.

**200 RÉIS POR TRIMESTRE**

para os assignantes do *UNIVERSAL*,

**20 RÉIS AVULSO**

**NOTA.** — Pedimos a todas as pessoas que receberam o *Supplemento Illustrado* o favor de devolverem, caso não o queiram assignar.

Originaes enviados á redacção do *Supplemento* não são restituídos.

A correspondencia relativa ao *Supplemento* deve ser enviada ao secretario.

Redacção e administração, rua do Norte, 46, 1.<sup>o</sup> andar.

AS NOIVAS DO ENÉAS  
 POR GERVASIO LOBATO



Comedia de charge. Um pretexto para o Valle nos apresentar um bello typo; uma criação para Barbara e para Jesulina. Bons ditos, nenhum enredo, fogos de bengala. logo preso—um final d'acto estrallean te, o terceiro.

Cardoso faz um delicioso *débüt*. Dá vontade de a gente lhe repenicar dois beijos n'aquellas faces de ce-reja. Judith, tem um dos papeis em que a vemos á vontade, dando largas ao seu talento artistico.

Necinia, uma quasi principiante, uma deliciosa actriz, dizendo com uma *gouaillerie* estouvante, dando animação ao seu curto papel, sublinhando as mais pequeninas phrases, para lhe tirar o effeito. Em papeis de mais responsabilidade o seu finissimo talento deve realçar.

Eloy, com uma caracterisação esplendida.  
 Silva Pereira, Jullana, Costa e Ferreira, muito bem.  
 A Gervasio Lobato o nosso applauso.  
 O beneficio de Eloy é hoje com as *Novas do Enéas*.